



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA		REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS		PORTUGAL HOJE	22 OUT. 1979
COMÉRCIO DO PORTO			

Editorial

Pela via socializante

A entrevista de Maria de Lurdes Pintasilgo a Joaquim Leiria, na primeira edição do programa «Tal e Qual», constituiu agradável ensejo a que a Primeira-Ministra (por nós correspondemos ao desejo expresso da Chefe do Governo quanto à forma de a designar) contactasse mais uma vez a população portuguesa. Ao menos com a parte da população cujos aparelhos permitem o acesso ao canal 2. Uma variante alargada, mau grado os engulhos causados a certas figuras políticas, da relação pessoal e directa que tem levado a cabo em diversos pontos do País e de que o distrito de Santarém foi ontem e hoje cenário.

Maria de Lurdes Pintasilgo deu já abundantes e desenvolvidas provas de saber exprimir-se com desenvoltura e clareza, como manifestou por forma inequívoca saber aquilo que quer. Limpidez de opiniões, forte personalidade, coragem e determinação são qualidades destacadas nos atributos da Primeira-Ministra. Daí também o nervoso e o redobre de antipatia que a direita lhe consagra. Daí a contundência de certos ataques, a virulência de determinadas críticas, a carga odiosa das palavras contra ela arremessadas, perante o silêncio de certos bons moralistas e a caução burocrática da direita e por parte de alguns bem formados. Maria de Lurdes Pintasilgo porém não tergiversa, não cede, não volta a cara. O seu comportamento na dissolvida Assembleia da República, aquando do debate do Programa de Governo, foi disso expressivo exemplo.

A Primeira-Ministra foi anteontem, contudo, um pouco mais além na expressão do seu pensamento ao afirmar, sem rodeios nem ambiguidades, defender a via socializante para Portugal (disse-o a propósito das razões por que não aceitou integrar a ala liberal da ANP, na «primavera» marcelista).

A via socializante é, em Maria de Lurdes Pintasilgo, caminho para colmatar injustiças, para abater desigualdades inaceitáveis em termos de riqueza e de meios essenciais à felicidade de cada homem e de cada mulher.

Marcelo Caetano, não obstante alguns acenos de simpatia, não gostou das três grandes posições aduzidas por Maria de Lurdes Pintasilgo. Havia uma diferença abismal entre aquilo que esta preconizava e o que ele na prática defendia e sustentava.

Os continuadores do espírito de Marcelo Caetano também não gostam da mulher que hoje preside ao Governo de Portugal. Não gostam das suas ideias e das suas atitudes. Com a diferença que estes o fazem sem qualquer molécula de simpatia. Bem ao contrário, a guerra que lhe movem não conhece tréguas, a oposição é total, a agressividade sem precedentes.

Há quem pense em Portugal não ser nenhuma (se considerarmos que a guerra colonial é um pesadelo do passado) a diferença entre aquilo que a «Aliança Democrática» pretende e aquilo que Marcelo Caetano representava. E se diferença existe ela é negativa para a coligação dos partidos de Sá Carneiro e Freitas do Amaral. Negativa no sentido de ser a «Aliança Democrática» um «marcelismo de terceira». Quer dizer, integrada por muito despeitado de jamais haver chegado à ribalta do poder; por muito anão e muito medíocre a quem Marcelo Cartano recusou confiar lugares de responsabilidade.

Maria de Lurdes Pintasilgo lamentou-se por ter ideias concretas acerca do que desejaria fazer e não dispor de possibilidades para tanto. Pena é que assim seja. Pelo País e pelo futuro que importa construir. Também nesta circunstância andou mal o general Ramalho Eanes. Se de todo se recusava a aceitar um Governo PS/ASDI porque não avançou com a solução de um Executivo Pintasilgo como hipótese de Governo até às eleições de 1980?

Seja como for o Povo não será indiferente ao testemunho e ao contributo que Maria de Lurdes Pintasilgo está a dar ao País no sentido de salvar o 25 de Abril, de evitar que Portugal regresse ao marcelismo.

A solução só pode ser a via socializante por ela preconizada. O objectivo só pode ser o socialismo democrático em que o homem seja completamente respeitado na sua pessoa, na sua dignidade, na sua existência. Felizmente ainda estamos a tempo.